

As histórias que me levam ao projeto “Conhecer Pedalando” e os caminhos de uma aventura no Mestrado¹

Bruno Wilwert Tomio
[Bruno.tomio@hotmail.com](mailto: Bruno.tomio@hotmail.com)

Antes de iniciar minha exposição, mesmo que já iniciando, confesso que a produção desse memorial se faz o primeiro e o maior desafio para a minha pessoa, até então, nesse curso de mestrado. Tal produção textual provoca-me, principalmente devido a o grau de insegurança e dificuldade que tenho em relação a minha escrita, onde busco dentro de minhas condições superar e me desafiar como um sujeito disléxico, mas também capaz que sou.

Destaco também outro desafio presente na construção deste memorial, o de tentar descrever meu ser em uma dinâmica diferente da comum em muitos memoriais. Uma dinâmica incentivada por um método de um bom velinho que leio, admiro, e busco conhecer cada vez mais, o seu Karl Marx. O método que menciono é o Método da Economia Política que Marx desenvolveu e também utilizou para compreender a gênese, as leis, estruturas e desenvolvimento do objeto que buscou pesquisar, compreender, e superar durante grande parte de sua vida, a sociedade burguesa.

Na descrição do Método da Economia Política, Marx coloca que se compreendendo o mais desenvolvido, complexo, melhor compreende-se o menos desenvolvido, como exemplo “A anatomia do homem é uma chave para a do macaco [...] Assim, a economia burguesa fornece a chave da Antiguidade etc” (MARX, 1985, p. 17). Isto a partir do método dialético, que busca investigar a essência e a totalidade dialética, histórica, estruturada e repleta de mediações, da “coisa em si”. Onde a “coisa em si”, no caso deste texto, é o sujeito e ao mesmo tempo objeto: Bruno, ser histórico, social e, dialético. Assim sendo, tentarei partir do nível mais desenvolvido e experiente que me encontro, do qual me permite reconhecer meu desenvolvimento mediado por minhas histórias, experiências, referências, confusões, rupturas, pretensões, e transformações de minha breve e por vezes intensa história e proposta de vida.

Com 27 anos, estou “controlando minha maluques misturada com minha lucidez” para tornar-se mais um dos “malucos belezas” que pairam por este mundo. Não me satisfaço com “ouro de tolo”, não ambiciono bens materiais, sou simples, e preconizo que o sentido da vida e que a sociedade têm de ser refletida, questionada e transformada em prol de relações mais fraternas, igualitárias, democráticas, sustentáveis e, principalmente, emancipadas. Sou um ser repleto de limitações, medos e angustias, e que tem a consciência que sempre será um ser inacabado, e por isto mesmo, procuro sempre estar em constante metamorfose, uma “metamorfose ambulante” a partir de minhas experiências, leituras, aventuras e relações. E agora no mestrado buscarei, mesmo perante minhas dificuldades, restrições e limitações, aperfeiçoar e desenvolver uma produção teórica, que contribua para uma práxis educacional de anseio revolucionário e emancipatório que desde 2016 venho desenvolvendo por meio de uma proposta e projeto de educação ambiental de minha criação, o Conhecer Pedalando.

A proposta, objetivos e ações do Conhecer Pedalando surgem como uma ação minha frente às diversas angustias e indignações que sinto perante as várias injustiças e violências que são cometidas com os outros, conosco e a natureza em geral, das quais são impulsionadas e muitas delas causadas devido a lógica do modelo de produção que reproduzimos, o modelo de produção capitalista. Tal proposta educacional, de projeto de mestrado, e principalmente de intervenção na realidade, representa parte da minha maneira de ser, pensar, entender e intervir no mundo, da minha práxis na

¹ O presente texto é uma síntese de um memorial descritivo realizado para a disciplina “Metodologia de Pesquisa” do curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional.

realidade. A partir dela, criação e representação de minha pessoa, também apontarei algumas passagens de minha presença no mundo. Pois, o Conhecer Pedalando não é algo natural, espontâneo, mas uma construção histórica resultado do constante desenvolvimento de minha formação e experiência como ser humano.

Diante do exposto, o projeto Conhecer Pedalando vem buscando efetivar uma *práxis* educacional, em diferentes espaços sociais e educacionais, que contribua para a denúncia e desvelamento dos diversos interesses e poderes que geram, impulsionam e conservam as várias injustiças socioambientais oriundas e presentes nas relações sociais do modelo de produção político-econômico vigente, para assim, estimular a reflexão crítica sobre as dimensões sociais e ambientais das problemáticas socioambientais e dos impactos causados pela lógica da produção capitalista para os diversos contextos e realidades socioambientais (TOMIO; DALCASTAGNÉ, 2018, p. 580).

A proposta do Conhecer Pedalando² é uma ferramenta essencial na aventura que realizo na busca de se autoconhecer, realizar-se, emancipar-se e de buscar compreender, desvelar, e de contribuir para a transformação das relações sociais e de produção vigente. Um dos objetivos fundamentais que venho buscando com o Conhecer Pedalando, por meio de suas práticas educativas, é o de estimular uma maior reflexão, compreensão, sensibilidade e ação dos envolvidos frente às problemáticas socioambientais e os impactos causados pela dinâmica, lógica, e contradições da produção capitalista para com o meio ambiente, ainda mais num país periférico, subdesenvolvido e de capitalismo dependente como o Brasil (SANTOS, 2000; MARINI, 2013).

O projeto vislumbra colaborar para a concretização, em especial, do primeiro momento da proposta pedagógica libertadora de Freire apresentada na obra “Pedagogia do Oprimido”, onde “[...] em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na *práxis*, com a sua transformação” (2014, p. 57). Principalmente, por considerar a importância de fomentar o conhecimento e indagação da razão e causa das alienações e injustiças socioambientais, das quais muitas são evidentes, mas, que não raramente devido aos mecanismos de exploração e dominação, são naturalizadas ou passam despercebidas no cotidiano dos muitos que sofrem diferentes formas de alienações e opressões (TOMIO; DALCASTAGNÉ, 2018, p. 580).

Como dito anteriormente, a referida *práxis* educacional é fruto da construção histórica e do desenvolvimento social do meu ser no e com o mundo. Acredito que o momento chave na minha formação humana foi quando tive mais uma vez o acesso, mas em especial a possibilidade e a condição de ter contato com parte dos textos de Paulo Freire. Tal momento pôde ocorrer devido a uma ruptura um tanto que forçada em minha vida.

Em 2012 descobri que estava com plaquetopenia, baixo número de plaquetas no sangue, o que me impedia de continuar a vida esportiva que exercia. Eu era piloto de Velocross, modalidade esportiva do motociclismo off-road. E eu realmente vivia para o Velocross, na época considero o sentido de meu viver. Diante das referidas circunstâncias parei de treinar e competir, o que me fez refletir e ver a vida, o trabalho, o mundo, e meu ser para além da maneira que tinha de viver, sentir, pensar e estar no e com o mundo. Durante alguns anos, até 2012, o meu desejo e sentido de viver era de estar treinando e competindo de moto, era o que me realizava e também me alienava de outras experiências e de refletir e pensar para além do momento específico e desejado de sentir a adrenalina de pilotar minha moto o mais rápido possível dentro dos circuitos que eu treinava e competia.

² Uma breve síntese do método, proposta e concepção de Educação Ambiental do projeto Conhecer Pedalando podem ser conferida num artigo (TOMIO; DALCASTAGNÉ, 2018) de minha criação com a revisão textual de um amigo e ex-orientador.

Em 2012, eu cursava a graduação em Educação Física³, participava do subprojeto de Educação Física do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), e trabalhava numa loja de moto peças. Decidi fazer uma graduação graças a insistência de minha mãe, que contribuiu muito me convencendo a ingressar na universidade. Ingressei em uma universidade pública mas paga, graças a um programa que pago o preço até hoje, e que continuarei a pagar por um longo período, o FIES. E cursei Educação Física por não saber muito bem o que queria fazer, e também por ser o curso que tinha mais afinidade com o que eu gostava naquele momento, as corridas de motos. No PIBID, entrei com muita dificuldade para primeiramente fugir da rotina e das condições que me estressavam e causavam insatisfação de trabalhar num negócio familiar, segundo porque me compensava financeiramente, e terceiro para experimentar algo que eu nem imaginava e nem sabia como era, a docência.

Tendo que romper com o que era o sentido de minha vida, mas que também hoje sei que diante das determinadas circunstâncias, me restringia e condicionava, comecei a questionar e buscar a me libertar e encontrar novos sentidos e experiências. Considero esse, um momento impactante e decisivo para a minha formação humana, principalmente porque contribuiu para o questionamento, insatisfação, e mudanças nas minhas condições e relações materiais, familiares e do meu modo de levar, sentir e pensar a vida. Após tal rompimento, o mais difícil foi ainda permanecer trabalhando na loja de moto peças em que eu tinha um “dever” e “contrato” moral com meu pai. A loja que segundo o dono havia sido feita para mim, e claro, que precisava de mim e que eu também precisava para continuar a competir nas corridas de Velocross. Não estando eu mais andando de moto, a loja não me proporcionava sentido algum além do vínculo com meu pai, que naquela situação se deteriorava cada vez mais, degradando a nossa relação e também a mim como ser humano.

Naquele período eu estava dia e noite buscando encontrar novos sentidos, experiências e, principalmente, romper com o trabalho estranhado e sem sentido que exercia. Nessa busca tive a alegria e o prazer de contar com a presença e o apoio de oportunidades e pessoas maravilhosas, das quais foram fundamentais para a minha transformação e formação humana e, também, no longo processo de libertação do trabalho que me impedia de “ser mais”. Destaco aqui: a presença de minha mãe, que mais uma vez me prestou um importante apoio emocional, sempre preocupada e disposta a contribuir com as minhas decisões; O querido e eterno amigo e professor Sidirley Jesus Barreto que contribuiu muito para que eu aprendesse a estudar, a ter gosto pela epistemologia, pela leitura, pela pesquisa. Sidirley foi quem me diagnosticou, explicou, e ajudou perante a minha dislexia, transtorno que tenho desde criança, mas que mesmo com vários sintomas, inclusive os mais evidentes, não havia ainda sido diagnosticada e tratada; E a minha participação como bolsista no PIBID, onde após o rompimento com o meu “ex sentido de vida” pude me dedicar de maneira mais consciente e voluntária. Nele tive o contato com várias referências e a oportunidade de viver, trocar, aprender e realizar diversas experiências escolares, nas quais tiveram um papel fundamental na minha formação como ser humano, educador ambiental e professor de Educação Física.

Tendo o incentivo, do Sidirley e no PIBID, e as condições de ler parte dos textos de Paulo Freire durante os fins de semana, as minhas inquietações, questionamentos, e ânsia de querer compreender e mudar o mundo começaram a surgir e a crescer cada vez mais. A partir dos textos de Paulo Freire, em especial nas obras “Pedagogia do Oprimido” e “Ação cultural para a liberdade e outros escritos”, tive maior interesse e comprometimento em contribuir para uma educação humanista e transformadora. Foi naquele período que comecei a querer melhor compreender e intervir no mundo. Naquele período, que incentivado também por Freire, comecei a ter maior contato com as obras marxistas e marxianas. Naquele período começou o germe e a busca de conhecimentos e possibilidades de efetivar o que é hoje alguns dos objetivos principais do Conhecer Pedalando.

³ Sou graduado nos cursos de Licenciatura plena em Educação Física e Bacharel em Educação Física, ambos pela Universidade Regional de Blumenau.

Aquele período marca a minha grande e constante transformação como ser no e com o mundo, como ser mais consciente de minha posição, visão, e presença no mundo.

Nessa busca, uma das experiências marcantes para o meu desenvolvimento intelectual foi o aprendizado que tive perante meu percurso como bolsista de Iniciação Científica, em que realizei, num grupo de pesquisa de Filosofia e Educação, uma pesquisa sobre as tendências epistemológicas que norteiam a produção do conhecimento em Educação e Educação Física no que diz respeito à questão da cientificidade. Essa pesquisa me possibilitou o contato e conhecimento de vários aportes epistemológicos e filosóficos, o que foi fundamental para a formação de minha postura, posição e crítica epistemológica, mas também, principalmente, para o desencadeamento de uma intensa transformação no sentido de meu ser no e com o mundo. Onde, inspirado no Raul Seixas estava “Eu do meu lado aprendendo a ser louco / Um maluco total / Na loucura geral” e desde lá estou “Controlando a minha maluquez / Misturada com minha lucidez” para ficar com certeza um “Maluco Beleza”. Num salto para o desenvolvimento de minha conscientização com e no mundo, na perspectiva que Freire (1982, p. 145) um dia colocou,

Se não há conscientização sem desvelamento da realidade objetiva, enquanto objeto de conhecimento dos sujeitos envolvidos em seu processo, tal desvelamento, mesmo que dele decorra uma nova percepção da realidade desnudando-se, não basta ainda para autenticar a conscientização. Assim como o ciclo gnosiológico não termina na etapa da aquisição do conhecimento existente, pois que se prolonga até a fase da criação do novo conhecimento, a conscientização não pode parar na etapa do desvelamento da realidade. A sua autenticidade se dá quando a prática do desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática a transformação.

Naquela época comecei a romper com o “academicismo alienante” (OURIQUES, 2017) e a intensificar o meu processo de formulação e “conscientização” na busca de uma práxis de anseio revolucionário. O meu primeiro rompimento foi com a ilusão que no curso da universidade em que estava seria o local que contribuisse para análise e transformação radical da realidade brasileira. Também comecei perceber o papel e os limites da realidade e do contexto do sistema escolar em que eu lecionava e tencionava naquele período. Rompendo com algumas de minhas ilusões, comecei a me deparar com os sentidos restritos de que a educação escolar e acadêmica muitas das vezes exercem. E também a conhecer os sentidos e a possibilidade de uma educação crítica e ampla, de uma “Educação para além do Capital” (MÉSZÁROS, 2005). A partir daí minha vida virou uma aventura de várias buscas, rupturas, e experiências que culminaram e também aconteceram na criação e desenvolvimento da práxis do projeto Conhecer Pedalando.

Comecei a querer agir, a questionar e enfrentar por meio de ações as angustias e indignações que sentia e que alimentavam minha rebeldia. Estava incomodado e procurando possibilidades, discussões e meios que combatessem as várias injustiças e contradições sociais negligenciadas e ao mesmo tempo legitimadas pela universidade. Queria sair gritando, conhecendo, questionando e agindo pelo o Brasil, viver e experimentar várias aventuras, sensações e situações, saciar curiosidades, sentir e desfrutar da liberdade, dos caminhos, dos movimentos, das belezas naturais, do desconhecido, do novo, do velho, de mim, conhecendo e me autoconhecendo para realizar sonhos e fazer a minha história.

Naquela momento, a ideia e possibilidade de se realizar e conhecer pedalando começou a ser planejada, a virar projeto, o projeto Conhecer Pedalando. Projeto de que estava sendo sonhado, idealizado, falado e colocado no papel. Ainda em meados do ano de 2015, já se tinha definido seus objetivos e roteiros. Era o projeto de sair pedalando pelo imenso e interessante Brasil, numa viagem sem data para voltar, em busca de conhecer, criar, divulgar e conectar meios que anseiam possibilidades de transformações nas estruturas e relações sociais vigentes em prol de relações mais fraternas, igualitárias, democráticas, sustentáveis e, principalmente, emancipadas. Escrevo isto porque no ano de 2015 “vivi” intensamente o sonho e o desejo de colocar no papel, de contar para todos, e de idealizar e planejar algo além de minhas condições, maturidade e coragem. Pensava e falava do projeto todos os dias, deixava minha família louca, amigos assustados, desconhecidos

admirados, e eu encurralado. O meu grande desejo e desafio era sair, sair pelo Brasil pedalando sem dinheiro, sem data para voltar, sem maturidade, sem experiência, sem segurança, sem medo. Não consegui. Vi na prática para além dos desejos e sonhos, há de se ter as condições objetivas e materiais.

Não fui Conhecer Pedalando o Brasil como dizia que iria fazer, não tive coragem e também muitos outros requisitos, o que foi bom porque não era o momento. Não era o momento de realizar aquela grande e imprevisível odisseia, que era longe de ser uma simples viagem ou apenas uma aventura de alguém que poderia se aventurar a estilo de seres repletos de condições e privilégios que descontentes com a sociedade abandonam tudo e vão se aventurar ou se isolar com a possibilidade de voltar e ser acolhido perante a primeira crise. Não seria uma fuga, o que é mais fácil que buscar enfrentar a realidade, mesmo que também por vezes seja necessário fugir para não ruir. Era uma missão que necessitava experiências prévias, onde eu ainda teria que viver para aprender, crescer, me fortalecer. E foi o que me desafiei fazer, pois se não saí literalmente de bicicleta pelo Brasil, comecei a buscar concretizar nas minhas proximidades o que eu pretendia também realizar por todo o Brasil. Assim, a proposta do Conhecer Pedalando saía do papel, se tornava realidade, uma práxis com uma proposta social, educacional, e de aventura que já realizou diversas experiências, ações educativas, cicloviajens, na busca de conhecimentos e possibilidades de transformações em prol de relações sociais mais justas e sustentáveis.

Foi assim que comecei a busca em compreender e de certo modo contribuir para o enfrentamento das questões, mazelas, e problemáticas estruturais brasileiras, ainda mais perante a necessidade histórica de uma análise e práxis crítica e radical, da qual busque conhecer, compreender e enfrentar a gênese e as estruturas da dinâmica e do desenvolvimento da crise brasileira. Tenho realizado essa busca participando, ainda hoje, de diferentes eventos, organizações e movimentos políticos e de estudos. Destaco aqui em especial a minha recente participação numa organização política e intelectual, aonde venho aprendendo e sendo muito incentivado a conhecer mais sobre a história, o pensamento crítico brasileiro e latino americano e, em especial, a economia política do desenvolvimento do capitalismo e da crise estrutural brasileira. A organização resgata e dá continuidade e atualidade ao legado de intelectuais latino americanos de grande envergadura que foram de certo modo extirpados e banidos do solo e da academia brasileira. Destacam-se entre eles: os brasileiros que contribuíram, junto com outros diversos intelectuais latinos americanos, para a formulação da Teoria Marxista da Dependência, como Vânia Bambirra, Theotonio dos Santos, Ruy Mauro Marini; e os intelectuais que, assim como os já referidos, pensavam na superação dos grandes dilemas e desafios sociais, econômicos e culturais do nosso Brasil, como Álvaro Vieira Pinto, Alberto Guerreiro Ramos dentre outros pensadores que recuperam e enriquecem a tradição e materialidade de uma necessária “Revolução Brasileira”.

E dentro das minhas restritas condições tento na medida do possível aprofundar-me no estudo da obra marxiana por meio da leitura dos textos e também pela participação e mediação em alguns grupos de estudos. Considero e utilizo o marxismo como um instrumento fundamental para melhor compreender a totalidade social, o movimento real e dialético das leis, dinâmicas e contradições de nossas relações sociais e produtivas. É o que me move e me faz acreditar na possibilidade de compreender e transformar o mundo.

Até agora, nessa confusão dialética que me permitiram experimentar, citei parte dos aspectos essenciais que vem me dando sentido de viver. Porém, saliento que expus apenas algumas das frentes e maneiras que venho atuando. Destaco o Conhecer Pedalando como elemento e produção central do meu ser, nele interligo, agrego, e faço a mediação entre as várias atividades, concepções, sentidos e intenções de meu estar sendo. Até aqui tenho apresentado e dado ênfase para a proposta central, mas não única, do Conhecer Pedalando. A minha atuação nas organizações, movimentos e grupos de estudos constituem-se como importantes campos que se interligam e enriquecem meu

projeto de vida, que é o Conhecer Pedalando⁴. No entanto, o Conhecer Pedalando assim como meu ser não se resume apenas ao exposto até então. Ainda há muitas passagens, experiências, intervenções e objetivos que completam e justificam o meu ser, assim como a proposta e o próprio nome do “Conhecer Pedalando”.

Sem ter espaço para mencionar todas as minhas experiências que considero marcantes e significativas para minha formação humana, compartilharei apenas parte das que venho realizando, desde 2016, por meio de minha práxis no e pelo Projeto Conhecer Pedalando. Dentre as mais de 150 ações que realizei pelo projeto, destaco: a inserção e desenvolvimento das Atividades Sistemáticas Contínuas do projeto em escolas públicas; Palestras, em escolas, universidades e outros espaços educacionais, sobre: Meio Ambiente e Sociedade, Bicicleta e Meio Ambiente, Práticas corporais de aventura no contexto escolar⁵, e Cicloturismo; Promoção de Cines Debates; Promoção de atividades em feiras e eventos culturais; Participação em eventos e movimentos sociais; Viagens de bicicleta a níveis locais, regionais, nacional e internacional; Realização de exposições fotográficas; e a socialização da proposta e das experiências do projeto em matérias, fóruns, encontros, artigos e eventos científicos. Tudo isso para buscar concretizar o objetivo principal da proposta do Conhecer Pedalando, o de conhecer, criar, divulgar e conectar meios que anseiam possibilidades de transformações nas estruturas e relações sociais vigentes em prol de relações mais fraternas, igualitárias, democráticas, sustentáveis e, principalmente, emancipadas.

Destaco também minhas experiências docentes como professor de Educação Física de escola pública, em que mesmo com os diversos impasses que dificultam e por vezes impossibilitam a minha efetivação, também me enriquecem e desafiam nas práxis educativas que realizei e ainda realizo. Onde tento sempre inserir e desenvolver a proposta do Conhecer Pedalando na sua totalidade, que significa o desenvolvimento do objetivo e discussão central, que generalizo com o nome “Meio Ambiente e Sociedade”, e também das demais temáticas abordadas e desenvolvidas pelo projeto, “Bicicleta e Meio Ambiente”, “Práticas Corporais de Aventura”⁶, e “Cicloturismo”.

Outro ponto que não posso deixar de mencionar é a presença e influencia que a bicicleta tem em minha vida. A bicicleta esteve presente em minha vida já desde cedo, primeiramente quando criança como o meu brinquedo preferido, e desde pequeno eu tive a felicidade de ter uma bicicleta e também a oportunidade de usá-la como um meio de transporte, pois morava em Gaspar e ia com a “magrela” para escola, assim como vários outros colegas. E naquele tempo eu também viajava de bicicleta pelas ruas do meu e dos outros bairros da cidade. Ir de bicicleta para o centro da cidade era uma aventura. A bicicleta cumpriu vários papéis em minha vida, na infância, na adolescência, mas foi depois dos 22 anos que reconheci a importância, possibilidades e benefícios da bicicleta para mobilidade humana e urbana, onde comecei a usá-la e reivindicá-la como meio de transporte de maneira mais consciente e politizada. Desde lá, 2014, venho também sendo um cicloativista, onde luto por melhores condições para uso da bicicleta como meio de transporte, por mais respeito, infraestrutura e incentivo aos ciclistas e pedestres, por uma sociedade onde que seja possível uma mobilidade urbana mais inclusiva, menos degradante, menos violenta, enfim, um outro modelo de trânsito, cidades e transportes. Atuo pela causa cicloativista participando de diferentes movimentos e,

⁴ Cabe destacar que o projeto Conhecer Pedalando também foi o tema de minha monografia para de especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade pela Universidade Candido Mendes.

⁵ Desde quando estava cursando a minha graduação em Educação Física, venho pesquisando e vivenciando diversas experiências de inserção de Práticas Corporais de Aventura como conteúdo escolar em aulas de Educação Física. Algumas dessas pesquisas e experiências resultaram na publicação de textos em congressos, seminários, e em periódicos científicos.

⁶ Essas práticas sempre estiveram presentes em minha vida. Fui piloto de Velocross, andei de Kartcross, e vivenciei outras diversas práticas de aventura. Hoje pratico Montanhismo, Trekking, e Cicloturismo.

em especial, por meio das ações educacionais da temática “Bicicleta e Meio Ambiente” do Conhecer Pedalando, aonde venho buscando

[...] promover uma visão ampla e crítica sobre a Bicicleta nas suas diferentes dimensões, possibilidades e contextos. Apresentamos os benefícios e oportunidades que a bicicleta pode oferecer para o meio ambiente, às cidades, e à saúde humana e planetária. E por meio dela também problematizamos em especial o trânsito e o modelo de transporte hegemônico. Debates sobre os malefícios socioambientais promovidos pelos veículos motorizados através do seu papel no modelo político-econômico vigente; e apresentamos o potencial de contribuição da Bicicleta como instrumento para possíveis soluções frente às várias tendências, problemáticas e prejuízos globais que o atual modelo de produção e de transporte vem promovendo em nossa sociedade (TOMIO; DALCASTAGNÉ, 2018, p. 585).

Sobre o Cicloturismo, digo que todas as viagens de bicicletas que realizei foram marcantes e enriquecedoras para mim. Nas viagens de bicicleta vivi aventuras e experiências profundas, sensíveis, incríveis e inesquecíveis, pois viajando de bicicleta vivo e conheço intensamente o caminho, as pessoas, o meu corpo, o clima, percebo e participo das movimentações e do cotidiano das cidades, sinto os cheiros, escuto os sons, me exponho às incertezas, riscos, à natureza, e ao desconhecido. Vivo uma outra relação com os lugares, com as pessoas, com o caminho, com o tempo e comigo mesmo.

Desde o início do projeto venho realizando diversas ciclovias onde busquei viver, levar e compartilhar as ações do projeto para vários espaços educacionais e sociais de diferentes cidades, estados e países. Nas viagens de bicicleta sempre levo comigo a câmara fotográfica para registrar as belezas, vivências, desafios, e peculiaridades das aventuras e dos caminhos percorridos de maneira autônoma, barata, curiosa, e sustentável. Por meio das fotografias, relatos, e palestras compartilho parte das experiências que a bicicleta me possibilitou vivenciar, e, também busco incentivar pessoas a experimentarem e usufruírem de algumas das possibilidades que a bicicleta pode proporcionar, sendo a própria um modo e uma arte de se locomover, de viajar, de ver e interagir com a cidade, a natureza, o mundo, e de conhecer, conhecer pedalando.

Destacarei aqui apenas uma das minhas maiores ciclovias, a cicloviam que realizei em setenta e poucos dias inesquecíveis que me levaram até o Uruguai e que me trouxeram novamente para casa. Essa rica “peregrinação” gerada pelos diversos desafios, questionamentos, buscas, leituras, realizações, sentires e vivências do caminho, das pessoas, do mundo, dos textos que comigo levei, e dos vários encontros, que também foram felizes e intencionais, práxis de minha elaboração e intervenção humana na realidade, dos meus “deslucamentos” até os destinos e momentos previstos e imprevistos que interviram e intervêm na minha objetividade e subjetividade humana. Compartilho o seguinte texto sobre minhas experiências da referida viagem realizada no segundo semestre de 2018:

No ano de 2018 conhecemos novas e diferentes experiências, sensações, pessoas, localidades, saberes, dificuldades e possibilidades. Nesse período levamos ações educacionais do projeto para milhares de jovens e adolescentes de diferentes idades e escolas; continuamos revendo vários amigos e conhecendo muitos outros; conhecendo novos lugares e novas aventuras; questionando e sendo questionado; sentindo vários prazeres e desprazeres; medos e incertezas; saudades e desapegos; aprendendo, refletindo, e desenvolvendo nossas percepções, concepções e sensibilidades a respeito de várias questões cotidianas, pessoais, sociais, ontológicas e filosóficas; enfim, usufruindo e tentando resistir aos diferentes ônus, prazeres, sensações, sentidos e sentimentos que os riscos, as incertezas, o imprevisível e, principalmente, as condições reais, materiais, sociais e concretas que 2018 e a história até ele nos colocam, das quais continuam a nos angustiar, indignar, revoltar, mas que também nos motivam e obrigam a buscar realizar o que acreditamos, sentimos, vivemos e somos.

Enquanto tivermos forças e condições continuaremos buscando, tentando, mesmo com nossas restrições e limitações, a busca de conhecer, criar, divulgar e conectar pares,

movimentos, seres que sintam e buscam o mesmo, transformações em prol de relações mais fraternas, igualitárias, democráticas, sustentáveis e, principalmente, emancipadas. Por um mundo menos feio, por um mundo que não seja belo apenas para poucos, e por uma outra sociedade que é possível, onde que o “livre desenvolvimento de cada um” seja “a condição do livre desenvolvimento de todos”, na qual muitos, pela primeira vez, poderão construir sua história conscientemente.

Agradecemos a todos que contribuíram e estão contribuindo para concretizarmos e levarmos pedalando o mais longe possível essa proposta, ideal, práxis, e aventura em busca do que foi aqui exposto. O apoio que recebemos foi e é essencial para o enfrentamento de grande parte de nossas dificuldades e restrições, como também para garantir a sustentabilidade e efetivação das ações do projeto, ainda mais quando tal proposta apresenta uma postura crítica e de embate contra-hegemônico às relações sociais dominantes (TOMIO, 2018, p. 1).

E após o referido ano e experiência que influenciam e marcam meu ser, aqui estou no difícil mais também oportuno ano de 2019, em que temos que buscar toda lucidez possível para avançarmos numa análise e práxis intelectual e política crítica e radical, da qual vá à raiz e ao cerne da questão da crise brasileira, que supere antigas e novas ilusões, assumindo a necessidade de enfrentarmos e superarmos a guerra contra a classe trabalhadora brasileira que foi cultivada durante os governos anteriores e que agora é cada dia mais intensificada pelo governo ultraliberal de Bolsonaro. É nesse difícil, angustiante, desafiador, provocante e oportuno ano, que abraço novamente o desafio de tentar me realizar e potencializar nos caminhos desse mestrado, sendo mais uma das etapas de minha aventura na busca de querer compreender e transformar o mundo.

Diante do exposto, me aventurarei no mestrado em busca de elaborar um “produto” de ensino que contribua para o enriquecimento, sistematização, expansão, e concretização do objetivo de estimular por meio de uma práxis de Educação Ambiental Crítica a partir do Projeto Conhecer Pedalando, no ensino de Educação Profissional Tecnológica do Ensino Médio Integrado, uma maior compreensão e ação crítica de estudantes frente às contradições e problemáticas socioambientais presentes na relação dialética entre Educação-Trabalho-Natureza-Capital no contexto socioprodutivo específico do capitalismo, subdesenvolvido e dependente, brasileiro. Espero que minha experiência pelo curso possa enriquecer tal intenção, proposta e práxis. Considero o curso de extrema importância se contribuir para compreensão e superação da miséria e dependência estrutural brasileira. Agradeço a atenção e a oportunidade de compartilhar alguns de meus objetivos e sonhos, pois “não é possível sonhar e realizar o sonho se não se comunga este sonho com as outras pessoas” (FREIRE, 2004, p. 206).

Referências

FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância**. Organizado por Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Unesp, 2004.

MARINI, R. M. **Subdesenvolvimento e revolução**. 4. ed. Florianópolis: Insular, 2013.

MARX, K. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Economistas, 1982.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

OURIQUES, N. **O colapso do figurino francês: crítica às ciências sociais no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2017.

SANTOS, T. **A teoria da dependência: balanço e perspectivas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

TOMIO, B. W. Conheça as experiências e realizações do Conhecer Pedalando no ano de 2018!. Blumenau, 23 dez., 2018. **Facebook**: bruno.tomio.5. Disponível em: <https://www.facebook.com/bruno.tomio.5/grid?lst=100000048978418%3A100000048978418%3A1575507940>. Acesso em: 06 set. 2019.

TOMIO, B. W.; DALCASTAGNÉ, G. Conhecer pedalando: uma proposta e práxis de educação ambiental crítica. **REBELA**, Florianópolis, v.8, n.3. set./dez. 2018.